



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

“OLHA BRASÍLIA ESTÁ FLORIDA, ESTÃO CHEGANDO AS DECIDIDAS”: UM BALANÇO HISTÓRICO ACERCA DA MARCHA DAS MARGARIDAS

Dayane Nascimento Sobreira; Lina Maria Brandão de Aras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo / UFBA

E-mails: <dayanesobreira26@gmail.com; laras@ufba.br>

Resumo: A Marcha das Margaridas, “ação estratégica das mulheres do campo, das florestas e das águas que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas do Brasil” (CONTAG, 2015, p. 02), pleiteia políticas públicas específicas para as mulheres rurais e congrega ações e pautas do feminismo, reunindo em média a cada quatro anos milhares de mulheres em Brasília-DF. Tem sua inspiração na sindicalista Margarida Maria Alves, assassinada em 1983 na Paraíba. Coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), a Marcha representa a reunião de forças de mulheres camponesas em torno da construção de um sujeito político que segundo Aguiar (2015), gira em torno das expressões de gênero, classe e território. Nesse sentido, o objetivo dessa comunicação é apresentar considerações sobre a Marcha das Margaridas e sua trajetória, desta que é a maior ação organizada de mulheres trabalhadoras rurais da América Latina. Para isso, realizamos busca de publicações (artigos, teses e dissertações) que tratam da temática, realizando um balanço histórico necessário para o estudo dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais no Brasil, especificamente da Marcha das Margaridas, objeto de meu doutoramento, ora em curso.

PALAVRAS-CHAVE: Marcha das Margaridas; Mulheres Camponesas; Resistências.

1. Introdução

A Marcha das Margaridas é uma “ação estratégica das mulheres do campo, das florestas e das águas que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas do Brasil” (CONTAG, 2015, p. 02). Realizada a partir do ano 2000, em um contexto de grande efusão dos chamados novos movimentos sociais (GOHN, 2011), teve edições nos anos de 2000, 2003, 2007, 2011 e 2015. A próxima edição acontecerá no ano

de 2019 sob o lema *Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência*. A agenda reflete as incertezas com relação à onda de conservadorismo latente no Brasil e que gera desafios para as lutas sociais, e no caso específico, para a luta das mulheres do campo.

De que mulheres, contudo, estamos falando? De mulheres com muitas caras, origens, traços, idades. De mulheres herdeiras de Margarida Maria Alves, mulheres que semeiam na terra a esperança por dias melhores. Mulheres quilombolas,

ribeirinhas, agricultoras familiares, sem-terra, extrativistas, pescadoras... Mulheres que resistem, e resistindo fazem ecoar a voz de uma luta que parte do campo no Brasil. Mulheres que são muitas e que são múltiplas pois atravessadas por diferentes marcadores de classe, raça, gênero e geração, constituindo uma simbiose, um verdadeiro caleidoscópio potente¹.

Nesse sentido, esse trabalho objetiva trazer à baila a história de resistência das Margaridas. Através de uma revisão bibliográfica do movimento, esperamos contribuir com a fissura da (ainda) invisibilidade das mulheres na história, mulheres de classes populares que se organizam geralmente em torno da categoria política de trabalhadoras rurais. Como nos diz Michelle Perrot: “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989, p. 09). Assim, essa discussão problematiza também o lugar reservado aos movimentos de mulheres rurais dentro da própria historiografia da área no Brasil.

Importante ressaltar o nosso lugar de produção, situado no campo dos estudos feministas e da História, e também na militância do mesmo movimento. Isso implica dizer que entendemos a produção do conhecimento como algo situado, não neutro e com fins políticos, pois não

desvencilhado de nossa prática e do presente. Toda história é uma história contemporânea, já dizia o historiador Eric Hobsbawn (1998) e todo olhar é enviesado, nos alertam as epistemologias feministas.

Vale salientar também que esse trabalho surgiu como reflexão inicial do doutorado ora em andamento no âmbito do PPGNEIM/UFBA e orientado pela professora Lina Brandão de Aras. É o início de uma reflexão que tomará os caminhos de uma tese e que esperamos contribuir com as reflexões e o campo desses estudos no Brasil. Realizamos uma busca por artigos, teses e dissertações em diferentes plataformas como Google Acadêmico, Periódicos Capes, Scielo e Plataforma Sucupira, utilizando como critério de inclusão e busca os termos “Marcha das Margaridas” e “Mulheres Camponesas”, com o fito de caracterizar o objeto de estudo em âmbito específico mas também contextual. Como critério de exclusão, deixamos para uma posterior análise materiais que abordam os movimentos de mulheres do campo de modo mais geral.

2. “Grandes, miúdas, bem erguidas / Somos nós as Margaridas”

Como ação estratégica, a Marcha das Margaridas é realizada durante dois dias

¹ Cf. SARDENBERG, 2015.

do mês de agosto em Brasília-DF. Ação e processo, constitui o maior movimento de mulheres rurais da América Latina. Em cada edição, a Marcha realiza um processo de construção junto às instituições parceiras, movimentos, sindicatos e comunidades, elaborando a sua plataforma política. Na elaboração do processo, reuniões e encontros marcam a trajetória de construção de cada marcha.

Segundo consta no site do Transformatório das Margaridas, dentre os objetivos políticos do movimento estão:

- Fortalecer e ampliar a organização, mobilização e formação sindical e feminista das mulheres trabalhadoras rurais;
- Reafirmar o protagonismo e dar visibilidade à contribuição econômica, política e social das mulheres do campo, da floresta e das águas na construção de um novo processo de desenvolvimento rural voltado para a sustentabilidade da vida humana e do meio ambiente;
- Apresentar, através das proposições, uma crítica ao modelo de desenvolvimento hegemônico a partir de uma perspectiva feminista;
- Contribuir para a democratização das relações sociais no MSTTR e nos demais espaços políticos, visando, assim, com a superação das desigualdades de gênero e étnico-raciais;

- Protestar contra as causas estruturantes da insegurança alimentar e nutricional que precisam ser enfrentados para a garantia do direito humano à alimentação adequada e da soberania alimentar;
- Denunciar e protestar contra todas as formas de violência, exploração e discriminação, e avançar na construção da igualdade para as mulheres;
- Atualizar e qualificar a pauta de negociações, propondo e negociando políticas para as mulheres do campo e da floresta e das águas, considerando as suas especificidades;
- Lutar pelo aperfeiçoamento e consolidação das políticas públicas voltadas às mulheres do campo, da floresta e das águas desde a esfera municipal, estadual e federal, contribuindo para que elas incidam no cotidiano das mulheres do campo, da floresta e das águas (TRANSFORMATÓRIO DAS MARGARIDAS, s/d)².

Sob inspiração da trajetória da líder sindicalista Margarida Maria Alves, a Marcha das Margaridas congrega a luta de diferentes sujeitos/as do campo. Como a Marcha Mundial de Mulheres, surgiu sob influência da Marcha Pão e Rosas realizada no Québec (Canadá) no ano de 1995 por mulheres pedindo simbolicamente “pão e rosas”. A ação representou uma crítica das mulheres ao sistema capitalista e inspirou as organizações brasileiras a partir de contatos

² Disponível em:
<http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=139>. Acesso em: 02 nov. 2018.

estabelecidos durante o Fórum Social Mundial de 1999, realizado em Porto Alegre-RS. Trazendo o nome de sua inspiração maior, Margarida Maria Alves, o nome “Marcha das Margaridas” representou (e representa) uma forma de tornarem públicas as situações de desigualdades nas quais vivem as mulheres trabalhadoras rurais, evidenciando a situação de pobreza e violência em que vivem a maioria das mulheres (SILVA, 2008).

A primeira Marcha, ocorrida em 2000, teve como lema: *2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista*, e seus eixos de discussão incluíram pautas da Marcha Mundial de Mulheres como terra, trabalho, direitos sociais e soberania. Essa primeira marcha já congregou mais de 20 mil mulheres reunidas em Brasília-DF. Como enuncia Berenice Gomes da Silva, em sua dissertação *A Marcha das Margaridas: resistências e permanências*, a Marcha é organizada em três momentos principais: preparação, organização e avaliação. Segundo ela:

A MM possui ações de mobilização, formação e denúncia que a caracterizam como uma estratégia ou ação política. A organização inclui reuniões locais para discussão da pauta – chamadas de reuniões de base, lançamentos, entrega da pauta e

avaliação. As reuniões e eventos para discussão da pauta são subsidiadas pelo documento ou a Carta da Marcha que contém os eixos temáticos. A partir dos temas sugeridos, novos temas são incorporados, tanto no diagnóstico e avaliação, quanto propostas para cada tema (SILVA, 2008, p. 90).

Nesse sentido, a Marcha das Margaridas não representa uma ação pontual, mas contínua, de agenciamento e protagonismo das mulheres do campo sob suas pautas. A segunda versão da MM teve como lema: *2003 razões para marchar por terra, água, salário, saúde e contra a violência*. Sua construção levou em conta a experiência metodológica da Marcha de 2000 e:

Enfatizou a atualização dos temas em relação às Marchas anteriores com a perspectiva de qualificá-los destacando propostas de políticas públicas encaminhados ao Governo Federal, tais como: acesso à terra, combate à fome, à pobreza rural, à violência sexista e outras propostas voltadas para a promoção da igualdade de gênero (SILVA, 2008, p. 99).

Das marchas, destaca-se a multiplicidade de cores, origens, representações. A estética, rica em flores, traz símbolos do meio rural, da Natureza, reafirma identidades, a exemplo das mulheres do Norte ornadas com colares de sementes e as quebradeiras de coco com

adereços confeccionados com a própria matéria-prima do babaçu (SILVA, 2008).



1. Cartazes das marchas de 2000 e 2003

Fonte: <http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=243>.

Acesso em: 10 nov. 2018.

A terceira edição da Marcha, realizada em 2007, com o lema *2007 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista*, levou 70 mil trabalhadoras rurais à Brasília mobilizadas em torno dos seguintes eixos: terra, água e agroecologia, segurança alimentar e nutricional e a construção da soberania alimentar, trabalho, renda e economia solidária, garantia de emprego e melhores

condições de vida e trabalho das assalariadas, política de valorização do salário mínimo, previdência social pública, universal e solidária, defesa da saúde pública e do SUS, educação do campo não sexista e combate à violência contra as mulheres.

As organizações promotoras da Marcha são: a Comissão Nacional de Mulheres da CONTAG e Secretaria de Mulheres da CUT, cujas integrantes pertencem a sindicatos rurais e urbanos, além de outras organizações parceiras e que compõem a comissão nacional ampliada como a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), Central das Trabalhadoras e Trabalhadores do Brasil (CTB), Confederação de Produtores Familiares Camponeses e Indígenas do Mercosul ampliado (COPROFAM), Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), GT de Mulheres da Associação Nacional de Agroecologia (ANA), Marcha Mundial das Mulheres (MMM), Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), Movimento Articulado das Mulheres da Amazônia (MAMA), Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), União Brasileira de Mulheres (UBN), União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES). Recentemente foram incorporadas outras organizações como a

Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e a Confederação Nacional dos/as Assalariados/as Rurais.

Vilena Aguiar (2015) afirma que a essas instituições parceiras “cabe a função de mobilização, tanto do ponto de vista da mobilização dos recursos que viabilizem a ida das mulheres à Brasília, quanto à articulação e mobilização política dessas mulheres” (AGUIAR, 2015, p. 164). Assim, percebemos o perfil de construção coletiva da Marcha, corporificada dentro das ações da CONTAG.

Sara Pimenta (2013) pontua que as respectivas marchas de 2003, 2007 e 2011 se deram já em contextos políticos mais favoráveis ao diálogo entre movimentos sociais e governo federal se comparadas com a marcha pioneira. De acordo com a autora:

Isso se comprova pela crescente participação das mulheres em mesas de diálogos e em negociações no âmbito do executivo e legislativo e, de forma mais permanente, na esfera pública, em conselhos, comitês, conferências e fóruns, expressando a forte articulação entre democracia participativa e o exercício da cidadania política e social (PIMENTA, 2013, p. 165).

Em um exercício comparativo entre as três primeiras marchas, a de 2000 e a de 2003 vincularam-se à reivindicação de políticas públicas como crédito, assistência

técnica, educação, combate à violência e outros. A marcha de 2007 apresentou novos conteúdos, dentre estes a agroecologia e o empoderamento das mulheres (SILVA, 2008).



2. Cartaz da marcha de 2007

Fonte: <http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=243>.

Acesso em: 10 nov. 2018.

Espaço de mobilização política em rede, a Marcha das Margaridas articula diferentes lugares de fala em torno de uma categoria política maior, colaborando na construção de um sujeito feminista, podendo dizer que a Marcha representa a unificação de mobilizações do campo do movimento de mulheres rurais sob liderança do sindicalismo rural e uma parte dos movimentos autônomos de mulheres (ZARZAR, 2017). Espaço de construção e participação política das mulheres, permite o fortalecimento e organização de uma

multiplicidade de vozes que partem do campo e das florestas no Brasil.

A MM articula (...) várias escalas organizacionais do local ao regional, ao nacional e ao transacional. Representada em três níveis que constitui um movimento em rede: no organizacional articula a rede com entidade e movimentos específicos, como o MIQB, MAMA. É o momento da construção da identidade política e coletiva entre os fóruns e as redes. No nível político ocorre a ampliação do debate nos fóruns e rede organizacionais, nos encontros locais, regionais, organizados pelas FETAG's e nacionais promovidos pela CONTAG, CUT, CTB; este nível tem um papel político estratégico por possibilitar o intercâmbio entre diversos movimentos e principalmente, por ser um espaço que possibilita formular questões para propor políticas públicas. E por fim, no último nível, o mobilizatório, há a realização da própria Marcha das Margaridas, buscando a visibilidade política, o reconhecimento público e abrir canais de negociações na esfera pública (CAVALCANTI; LIMA, 2016, p. 102).

Nesse sentido, a Marcha das Margaridas se projeta como uma mobilização que abre inclusive, brechas de participação e de envolvimento democrático em um contexto que se promete enrijecido para as causas sociais mais progressistas. Sigamos marchando...

A quarta edição da MM teve como lema *2011 razões para marchar por*

desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade e contou com a participação de quase 100 mil mulheres. Importante destacar que essa marcha foi a primeira realizada sob o mandato de Dilma Rousseff, primeira mulher presidenta do Brasil, e sob o mandato de Agnelo Queiroz como governador do Distrito Federal, ambos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Esses elementos são importantes para perceber a relação da própria Marcha com o Estado.

Como enfatizamos até aqui, a Marcha é um processo. Como destaca Aguiar (2015), esse processo pode ser sistematizado em três etapas: preparação da marcha, momento ritual e pós-marcha. O primeiro momento se inicia geralmente no ano anterior à realização do ato e envolve a formação política das mulheres bem como o planejamento, viabilização de recursos e infraestrutura necessária à sua realização. Também é o momento de definição de objetivos, construção de materiais de divulgação, pauta e organização política. O segundo momento é a realização da Marcha enquanto ato, em que as mulheres se alojam em Brasília, se encontram e marcham em direção à igualdade, mas não só isso, como vimos. O terceiro momento é marcado pelo balanço e avaliação. Está relacionado com o acordo dos pontos negociados e o

monitoramento dessas ações junto aos poderes públicos.

Aguiar (2015) ainda atenta-nos para o caráter específico que a Marcha de 2011 adquiriu pela rede de relações envolvendo parceiros, apoiadores, patrocinadores e o próprio Estado, o que “lhe imprime um caráter específico como movimento, ao se configurar como um campo político de atuação híbrido, que congrega atores com formatos institucionais e ações bastante variadas” (AGUIAR, 2015, p. 2010).



3. Cartaz da marcha de 2011

Fonte: <http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=243>.

Acesso em: 10 nov. 2018.

Não conseguimos estudar a Marcha das Margaridas sem perceber também a dimensão da luta feminista envolta ao movimento. Conversando com mulheres da organização da Marcha, Vilenia Aguiar (2015) elucida em sua tese que “esse

processo proporciona encontros entre mulheres que já trazem uma percepção de feminismo e se identificam como ‘feministas’, e outras que se percebem, se descobrem e se reconhecem como tal no acontecer desses encontros” (AGUIAR, 2015, p. 266). Tal relação (imbricada) será estudada mais a fundo em nossos estudos futuros. A autora comenta ainda:

Uma conversa aqui e outra acolá afirmaram algo que já pulsava nos meus pensamentos: o feminismo era um dos elementos que se articulava discursivamente e produzia efeito no contexto de ação da Marcha das Margaridas. Entretanto, o que me pareceu interessante é que não se trata de um feminismo que possa ser definido em termos de organizações formais, ou que anteceda à própria ação, preexista à ação a partir de um marco conceitual¹⁷¹, é um feminismo que, à medida que acolhe outros, se constrói no próprio fazer da Marcha, no seu movimento (AGUIAR, 2015, p. 266) (*sic*).

Nesse sentido, conseguimos pensar a Marcha das Margaridas enquanto um eixo aglutinador de uma experiência de feminismo rural no Brasil? Sigamos pensando e reunindo elementos para pensar tal hipótese...

A última Marcha foi realizada em 2015 e também reuniu 100 mil mulheres em Brasília tendo como lema *Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento*

sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade, articulou-se a partir dos seguintes eixos: Margaridas na luta por terra, água e agroecologia, Margaridas em defesa da autonomia econômica, do trabalho e da renda para as mulheres do campo, da floresta e das águas, Margaridas em defesa da educação não-sexista, da educação sexual e da sexualidade vivida com liberdade, Margaridas no enfrentamento à violência contra as mulheres, Margaridas em defesa do direito à saúde e dos direitos reprodutivos, Margaridas em defesa da democracia, do poder e da participação das mulheres.



4. Cartaz da marcha de 2015

Fonte: <<https://marchamulheres.wordpress.com/2015/02/02/estao-chegando-as-decidas/>>.

Acesso em: 12 nov. 2018.

Dois temas surgidos nas duas últimas edições da Marcha são: *saúde e direitos reprodutivos e democracia, poder e*

participação política (SOUSA, 2017). A próxima, prevista para se realizar nos dias 18 e 19 de agosto de 2019, ocorrerá em um contexto de redimensionamento e angariamento de forças das lutas sociais, o que traz desafios, mas também esperança por dias melhores.

3. Considerações Finais

Como vimos, a Marcha das Margaridas se configura como uma ação política das mulheres rurais, das águas e da floresta articuladas em prol de pautas diversas, porém interligadas sob o foco da igualdade. Caminhando para sua 6ª edição, representa a realização do seu próprio sujeito político, que por meio dela ganha existência (AGUIAR, 2015). Fizemos um breve percurso histórico pelas edições anteriores desse que não é um evento pontual, mas também formativo, precedente ao ato *per si*.

Nesse sentido, passamos por algumas referências importantes para o estudo desse movimento, entendendo que essa discussão não se encerra aqui, mas abre-se para estudos vindouros e mais profundos. Com Cavalcanti e Lima (2016), colocamos não um ponto final nessa reflexão, mas reticências:

[As margaridas] denunciam a realidade do mundo rural, no que

diz respeito às assimetrias de gênero e em suas questões sociais, econômicas e culturais mais gerais. Ao reivindicarem seus direitos pressionam o governo a voltar olhares e ações para a realidade do campo e da floresta e propõem pautas para a agenda do governo. Apesar de algumas conquistas, a caminhada é longa e muito ainda falta para conquistar. Por isso elas seguem marchando! (CAVALCANTI; LIMA, 2016, p. 106).

4. Referências

4.1. Textos

AGUIAR, Vilenia Venâncio P. Somos Todas Margaridas: Um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político. 2015. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

CAVALCANTI, Manuella Paiva de Holanda; LIMA, Eden Erick Hilário Tenório de. Marcha das Margaridas: Participação política, empoderamento e movimento social em rede das mulheres do campo e da floresta. **Aceno**, Cuiabá, v. 3, n. 5, 2016.

CONTAG. **Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade** – Caderno de texto para estudos e debates. [s/l], 2015. Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f2308caderno-de-textos-para-estudos-e-debates---marcha-das-margaridas-2015-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista**

Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, 2011.

HOBBSAWM. Eric. **Sobre história**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 18, 1989.

PIMENTA, Sara Deolinda Cardoso. Participação, Poder e Democracia: Mulheres Trabalhadoras no Sindicalismo Rural. In: SILVA, Eduardo M. da; SOARES; Leonardo B (Orgs.). **Políticas Públicas e Formas Societárias de Participação**. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH/UFMG, 2013.

SARDENBERG, Cecília M. B. Caleidoscópios de gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, 2015.

SILVA, Berenice Gomes da. A Marcha das Margaridas: resistências e permanências. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília-DF.

SOUSA, Máires Barbosa de. Marcha das Margaridas: um olhar florido sobre a democracia. 2017. **Monografia** (Graduação em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

ZARZAR, Andrea Lorena Butto. Movimentos sociais de mulheres rurais no Brasil: a construção do sujeito feminista. 2017. **Tese** (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

4.2. Site

<<http://transformatoriomargaridas.org.br/>>.